

DANÇA INCLUSIVA: O BALÉ DENTRO COMUNIDADE SURDA

VICTOR TECHERA SILVEIRA¹;
KARINA ÁVILA PEREIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 - victor.techera.silveira@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas 3 - karina.pereira53@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita está vinculada as minhas experiências docentes, as quais estão sendo desenvolvidas no âmbito do Projeto de extensão “A comunidade surda reinventando a arte do balé”. Este projeto tem por objetivo levar cultura e arte para surdos da cidade de Pelotas. Entre tantas escolhas de movimentações artísticas, optamos pela Dança, mais especificamente o Balé Clássico, tendo em vista os benefícios que essa arte proporciona aos seus praticantes. Dentro deste tema algumas questões foram norteadoras de nossas pesquisas, tais como: pessoas surdas podem dançar? Como trabalhar rítmica, tempo, intenção e qualidade de movimento sem o recurso da audição dos alunos? É possível que esta forma de arte não seja excludente e sim inclusiva para a comunidade surda? Todas as respostas dessas questões foram positivas. Desta forma, o projeto possibilita aulas semanais de técnicas base do Balé Clássico, contextualização anatômica dentro de cada movimentação/passos, prevendo também o trabalho com obras de balé de repertório como O Quebra-Nozes e o Lago dos Cisnes, para que os alunos possam ter acesso a estas obras de forma visual. Pretendemos trabalhar estas obras na sua forma escrita em português, fazendo sempre menção ao fato de que a língua portuguesa para surdos constitui-se como segunda língua. (KARNOPP; QUADROS, 2004)

O trabalho corporal para qualquer pessoa seja ela surda ou não, requer um atenção e cuidado com o corpo do outro. Desta forma, a metodologia girou em torno de facilitar esse processo de ensino. O Balé Clássico sendo uma das modalidades de dança mais antigas tem algumas de suas nomenclaturas estáticas até hoje. Nesse sentido o projeto busca também por sinais próprios da dança e do balé dentro do léxico da Libras, para que possamos criar um material didático para divulgação desses sinais específicos da área colaborando com a difusão dessa língua.

2. METODOLOGIA

A metodologia de trabalho para execução deste projeto será focado no conceito de Pedagogia Visual, de acordo com que propõem as autoras LACERDA; SANTOS; CAETANO (2013), ou seja, trabalhar com elementos visuais como imagens, filmes, projeção para atender as especificidades de aprendizagem da comunidade surda. Nossas aulas tem seguido a seguinte ordem: iniciamos com uma preparação física, onde os alunos fazem uma série de exercícios para aquecimento corporal e estímulos de músculos que geralmente não são trabalhados por elas.

A seguir passamos para a aula de técnicas bases de balé clássicos propriamente dita, que se inicia com alongamento no chão, uma sequência na barra e uma parte de centro – todas elas estão sempre sendo trabalhadas com

estímulos visuais e tátil sensíveis. Sendo possível notar que as alunas respondem mais rápido ao estímulo visual que vem junto com som elevado, provocando vibração no ambiente, como estralo de dedos, palmas de mãos, batidas de pés, etc. Mesmo assim ainda trabalhamos com a contagem em oito tempos demonstrando a numeração de cada tempo com sinalização em Libras, tentando sempre utilizar músicas com tempo mais lento para trabalharmos as pausas dentro dos exercícios.

As aulas tomam rumo ao seu fim com uma mesma coreografia que é passada a eles a cada aula. Essa coreografia não é balé clássico sendo classificada como dança livre. Nela tentamos trabalhar as noções de rítmica, tempo, movimentações corporais e qualidades de movimento dentro de outras danças para ampliar o repertório de movimento e aumentar suas experiências com esse mundo da dança.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro semestre de 2018 tivemos aulas semanais de técnicas base de balé clássico para alunos da Escola Especial Prof. Alfredo Dub ministradas na Escola Superior de Educação Física – ESEF. Foram realizados alguns levantamentos bibliográficos com a temática dança para surdos para auxiliar nas aulas e na produção de artigos acadêmicos para o segundo semestre de 2018. Todo trabalho feito até o presente momento está em processo, pois o projeto está entrando no seu segundo semestre, ou seja, as atividades estão em andamento, não tendo resultados finais. Todos os resultados são baseados em experiências tidas em aulas com alunos surdos e a pesquisas de estudos sobre dança para surdos.

Estamos em andamento para entender como funciona o sentir a dança no corpo de cada aluno surdo. Saber como ele responde aos comandos que ele recebe, sejam eles visuais ou sensitivos (movimentações no espaço, vibração e contato corporal). Experimentos como modalidades diferentes de dança nos finais das aulas de balé clássico são executados para que assim possamos entender como aquele corpo reage com diferentes estímulos, variando assim o trabalho de rítmica, tempo, intenção e qualidades de movimento. Para que desta forma o professor passa entender e comunicar da forma correta o que o aluno precisa realizar durante as aulas para ter um resultado final considerável.

O projeto está em processo de expansão oferecendo as aulas de balé para mais duas escolas da cidade, o foco agora é aumentar o público da comunidade surda para ter mais aulas e mais experiências dentro desse ramo docente. As escolas englobadas pelo projeto são: Escola Especial Prof. Alfredo Dub, Instituto Estadual de Educação Assis Brasil e Colégio Municipal Pelotense. Tendo turmas maiores, podendo assim levar a campo e ampliar as pesquisas feitas no primeiro semestre para a realização das aulas.

4. CONCLUSÕES

Projetos que envolvam minorias linguísticas e culturais como a comunidade surda são extremamente importantes e justificam-se por contemplarem uma pequena parcela da população que, na maioria das vezes, não possui acesso à cultura e às artes em geral. A comunidade surda se apresenta como grupo em que identidades e culturas se produzem a partir da experiência visual e do compartilhamento de uma língua viso-gestual. A língua de sinais para surdos é uma marca de suas identidades e o papel das escolas bilíngues para surdos e também das universidades públicas é incentivar essa marca, ou seja, valorizar o ensino e difusão desta língua como elemento característico de uma cultura e propiciador de comunicação entre seus pares e com o mundo ouvinte. No entanto, a comunidade dos ouvintes que é majoritária tem pouco ou nenhum conhecimento sobre a língua de sinais brasileira e sobre as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. A Área de Libras da Universidade Federal de Pelotas- UFPel participa ativamente das ações que envolvem a comunidade surda de Pelotas, e é compromisso de nossa instituição dar retorno de nossos estudos e nossas pesquisas a este grupo através da criação de projetos de extensão. Dessa forma, concluímos que o presente projeto possibilita o acesso das pessoas surdas em frequentarem uma aula de dança, especificamente o balé que é uma arte elitizada tanto para quem é aluno como para quem é espectador ou até mesmo de prestigiar espetáculos culturais em teatros, pois esses espaços não oferecem acessibilidades através de tradutores-intérpretes de Libras- língua brasileira de sinais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURCIER, Paul. História da Dança no Ocidente. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HAAS, Jacqui Greene. Anatomia da Dança. Tradução Paulo Laino Cândido. Barueri, SP: Manole. 2011.

LACERDA, Cristina B. F. de; SANTOS, Lara F. dos.(org) **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. EDUFSCAR: São Carlos, 2013.

KARNOPP, Lodenir B.; QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. 1. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SAMPAIO, Flávio. Ballet Essencial. Rio de Janeiro: Sprint Ltda, 1994.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

Barbosa, A. (1995). Arte-educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. *Comunicação & Educação*, (2), 59-64.